

## *Blown off course*

No dia 12 de janeiro fui transportada para uma viagem imersiva intitulada “Blown off course”, cuja tradução portuguesa é “Desvio de Rumo”. Uma ópera de Pedro Rebelo, com libreto de Glenn Patterson, que estará em cena até dia 14 de janeiro, no O’Culto da Ajuda, merece a nossa presença.

Trata-se de um encontro entre o Japão, personificado por Hana (interpretado maravilhosamente por Camila Mandillo) e Portugal, personificado por Valentim (igualmente muito bem interpretado por André Henriques). A estas duas personagens acrescento a importância do Vento, que será também ele próprio uma personagem (que terá como intérprete Miguel Azguime). Ao narrar os acontecimentos, este último “proporciona simultaneamente encontros casuais à primeira vista e ações orquestradas”, como é dito na folha de sala. Um barco (uma referência ao século XVI) e um avião (uma referência à atualidade) são desviados do seu rumo pelo vento (como o próprio diz: *A plane / A ship/ Blown off course / By Me / Wind or Fate*). Viajamos pelo tempo e pelo espaço com Hana e Valentim entre o século XVI e os dias de hoje.

O som da água, em particular do mar, envolve-nos desde o início, sendo uma presença constante ao longo de toda a obra. Ao som junta-se a imagem. Vemos ondas, que sucessivamente rebentam em dois ecrãs, cuidadosamente dispostos na sala. À água junta-se o som do vento.

À medida que ouvimos estes sons e somos envolvidos pela presença marítima (o que é que, de facto, levou Portugal até ao Japão se não a água?), os instrumentistas vão entrando (e tocando), e ocupam, sucessivamente, os seus lugares. Hana entra e observa o mar, posicionando-se de costas para o público. Segue-se a entrada de Valentim, que, colocando-se também de costas para nós, olha para o ecrã, comunicando assim com a presença do mar. Por último entra o vento, o narrador.

É assim que somos inseridos nesta viagem sensorial.

Gostaria de refletir sobre dois momentos desta ópera. O primeiro refere-se ao primeiro encontro entre Hana e Valentim: quando as duas personagens principais se apercebem da presença um do outro vocalizam a palavra “olá”. E poderíamos dizer que a peça se resume a isto mesmo: à comunicação. À comunicação pacífica, paciente e curiosa entre culturas. É ela que nos liga a todos como seres humanos, e é através dela que poderemos construir o mundo como um lugar com menos barreiras e mais ligações entre todos.

Desta inicial exploração sonora, passamos para uma experiência gastronómica, sendo este o segundo momento que gostaria de destacar. Valentim, como português, dá a experimentar a Hana uma comida típica de Portugal – peixinhos da horta, e Hana, por seu turno, oferece um chá a Valentim. Pormenor curioso do violoncelo, que acompanha as várias tentativas de Hana provar o seu peixinho da horta, ele próprio experimentando sons agudos e rápidos, como se expressassem as hesitações de Hana. Uma vez mais, as culturas interligam-se, sendo o inglês o intermediário: é lida a receita dos peixinhos da horta por Valentim em português, por Hana em inglês; de seguida, a mistura cultural é ainda maior quando Hana, narrador e Valentim debitam a receita em simultâneo, mas desfasados uns dos outros. Esta experiência gastronómica é acompanhada pelo público, que, já muito imerso na narrativa, começa ativamente a fazer parte desta, quando se ouve atrás de nós (ou a nosso lado, consoante a posição de cada um) um crepitar de azeite: um cozinheiro estava a fazer peixinhos da horta não só para Hana e Valentim, mas para todos. De seguida, ouve-se a água do chá a ser posta em chávenas. Todos os presentes na sala experimentam, se tiverem essa vontade, a bebida e a comida.

A ligação entre ambos, e, portanto, entre as duas culturas culmina: Hana e Valentim, depois de provarem o chá e o peixinho da horta, sentados, quase se beijam, aproximando as suas caras e dançando os rostos, de um modo muito subtil, mas sem se chegarem a tocar (o que mais nos une se não o amor?).

Começamos a compreender que esta viagem está a chegar ao seu fim, quando as duas figuras desaparecem, e vemos a sombra delicada de Hana num dos ecrãs.

Pomos em perspetiva o tempo, o espaço e as diferenças culturais: somos, no final, surpreendidos pelas semelhanças entre a língua portuguesa e a japonesa (deixo aqui apenas dois de tantos exemplos: copo – koppu; coentros – koendro). A ópera deixa-nos, no final, com uma sensação de inquietação, mas, simultaneamente, de calma e de reflexão sobre a condição humana — que tanto de bem consegue criar, mas, simultaneamente, destruir. “Two people now / two people then / Blown together / By me, Wind or Fate, / Then just as quickly”.

Sara Maia

13 de janeiro de 2023